

Diversão & Arte

» NAHIMA MACIEL

São duas histórias distintas, porém ambas de rejeição, segregação e discriminação que Zezé Motta e Sílvia Buarque contam nos palcos da cidade, em peças em cartaz até domingo. Zezé Motta dá voz à poeta, pensadora e ativista Maya Angelou em Vou fazer de mim um mundo, monólogo com direção de Elissandro de Aquino criado especialmente para a atriz, que celebra 80 anos de vida e 58 de carreira. Sob a direção de Leonardo Netto, Sílvia Buarque vive Antonia, uma filha cuja homossexualidade é motivo de rejeição por parte da mãe, Elisa, vivida por Guida Viana.

Um mundo imenso

Maya Angelou escreveu sete autobiografias e é o primeiro livro, no qual narra a trajetória no Arkansas racista e cruel dos anos 1930 e 1940, o escolhido pelo diretor Elissandro de Aquino para adaptar para Zezé Motta, que há 10 anos não fazia teatro e topou a empreitada. "Sou movida a desafios e também gosto de experimentar o novo", avisa a atriz, que ficou emocionada com o texto de Angelou. "Ela sofreu abusos, isso é algo muito cruel de se ler, de viver e de imaginar... Somente isso e não preciso dizer mais nada, eu acredito. Cada vez que eu toco nesse assunto, eu me emociono."

Elissandro fez um recorte de algumas situações do relato. "Esse primeiro livro vai até os 16 anos e dialoga com esse universo do Arkansas quando a segregação era extremamente forte e cultural. Buscamos um diálogo com o Brasil de hoje", avisa o diretor. "É sobre fatos reais e tudo que a Zezé fala em cena foi vivido pela Maya Angelou, mas a gente cruza com músicas nacionais, Seu Jorge, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Ney Lopes. Esse é o lugar que a gente chama o Brasil para a peça."

Há dois tipos de universos tratados pela autora no texto: o micro, do espaço íntimo e, por vezes, doméstico, e o macro, com questões que envolvem o quadro social, a segregação racial e o perigo representado pelos brancos naquela realidade. "Quando ela entra num campo micro, é muito interessante, é dentro da casa. Porque às vezes, a gente se sente protegido em casa, mas isso não aconteceu com ela. E esse projeto fica brincando com esses dois universos. A Maya vai apontar mazelas, inclusive, sobre a instituição familiar, que está carente, fragilizada e com muitas dores", explica o diretor.

Essa é a primeira vez que Zezé Motta encena um monólogo e Elissandro concebeu toda a adaptação pensando na atriz. "É um projeto que chamo de lunar, tem uma característica de intimidade, ela lê um caderno, se move muito pouco exatamente para que se concentre na palavra. Tem uma atmosfera dos griôs africanos. A gente fica muito ligado nessas palavras que Zezé diz com muita força", conta o diretor. Para ele, a visceralidade e a intuição da atriz são fundamentais para dar força e sentimento ao texto.

SÍLVIA BUARQUE
E ZEZÉ MOTTA ENCENAM
DOIS ESPETÁCULOS
DIFERENTES, MAS QUE
TRATAM DE TEMÁTICAS
QUE SE CRUZAM, COMO
DISCRIMINAÇÃO E
PRECONCEITO

Histórias

UNIVERSOS

Zezé Motta
na peça Vou
fazer de mim
um mundo

VOU FAZER DE MIM UM MUNDO

Com Zezé Motta. Hoje, amanhã e sábado, às 20h, e domingo, às 18h30, no Teatro do Centro Cultural Banco do Brasil Brasília (SCES Trecho 02 Lote 22). Não recomendado para menores de 16 anos. Ingresso: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

A menina
escorrendo dos
olhos da mãe, peça
com Sílvia Buarque
e Guida Viana

A MENINA ESCORRENDO DOS OLHOS DA MÃE

Hoje, amanhã e sábado, às 20h, e domingo, às 19h, na Caixa Cultural (SBS - Quadra 4, lotes 3/4). Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia). Não recomendado para menores de 14 anos



NIL CANINE

DRAMA DE MÃE E FILHA

Escrito por Daniela Pereira de Carvalho, o texto de A menina escorrendo dos olhos da mãe traz para o palco o encontro comovente entre mãe e filha. Sílvia Buarque vive Antonia, uma mulher de 50 anos, lésbica, que se distanciou da mãe, Elisa, porque esta não aceitava ver a filha nos braços de outra mulher. O reencontro entre as duas é uma tentativa de resgate da relação, fadada ao fracasso até Antonia revelar um segredo. A peça tem direção de Leonardo Netto e o texto foi escrito especialmente para Sílvia. Além de Antonia, a atriz também interpreta outra personagem, responsável pelo mistério que ronda o encontro de mãe e filha desde o início. "A Dani me procurou em 2020 dizendo que queria fazer uma peça para mim. Foi uma coisa mágica. A Dani é uma super autora, a

gente não se conhecia pessoalmente, mas ela gostava do meu trabalho desde a adolescência. Nesse sentido, é bom envelhecer", brinca Sílvia, que acaba de completar 56 anos. Daniela Pereira de Carvalho é autora de peças como Renato Russo, A hora do boi e Uma revolução dos Bichos.

Era o começo da pandemia e a dramaturgia tomou forma aos poucos. Sílvia acompanhou de perto o crescimento de temas como homofobia, maternidade e diálogo dentro do texto da obra. Segundo a atriz, é uma peça muito realista, que retrata pessoas comuns e exige muito cuidado para as sutilezas. "Mãe e filha são diametralmente opostas. Uma navega em águas turvas, é sorumbática e tem uma relação muito difícil com a mãe, que não aceita o lesbianismo dela, não aceita o casamento dela. Ela tem esse trauma", explica a atriz.

Sílvia lembra que a peça começou a tomar forma em um momento complicado da realidade brasileira, num tempo de extremismos exacerbados e ataques constantes a pessoas da comunidade LGBTQIA+. "Muito pouca coisa avançou desde então", acredita a atriz. "Culturalmente, a gente teve uma época de trevas. Isso é fato. Foi um governo inimigo das artes, inimigo dos gays, inimigo das mulheres, enfim. Mas o movimento LGBTQIA+ se fortaleceu demais. Então teve um avanço, eu creio. Quero crer que teve um avanço, apesar de ver na internet esses comentários homofóbicos e ignorantes. Quero acreditar que os movimentos identitários estão se fortalecendo", explica Sílvia, que também é produtora da peça e financiou o projeto com recursos próprios.